

**“A doença do corpo enche os adros & a doença da alma, os infernos”: práticas de cura no sertão da América Portuguesa (1690-1702).**

**The disease of the body fills adros & the disease of the soul, the hells": healing practices in the backlands of Portuguese America (1690-1702).**

Ane Mecenas\*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal compreender o discurso de capuchinhos e jesuítas no sertão da América portuguesa, entre 1690 e 1702, sobre as práticas de cura dos Kiriri. Por meio das descrições, as doenças e a cura pela alma são evidenciadas nos escritos produzidos para a conversão. O corpus documental analisado se constitui por meio de dois catecismos, elaborados com o objetivo de auxiliar os missionários na conversão dos índios: um de autoria do padre jesuíta Luigui Mamiani e o outro do capuchinho Bernardo de Nantes.

**Palavras-chave:** cura, feiticeiros, catecismo, Mamiani, Nantes.

**Abstract:** This article has as main objective to present the practices Kiriri in the discourse of Capuchinhos and Jesuits in the sertão of Portuguese America in century XVII. By means of the descriptions the diseases and the cure by the soul are evidenced in the writings produced for the conversion. The documentary corpus analyzed consists of two catechisms, designed to assist the missionaries in the conversion of the Indians, one by the priest of the Company of Jesus Luigui Mamiani and the other by the Capuchin Bernardo de Nantes.

**Keywords:** healing, sorcerers, catechism, Mamiani, Nantes.

Enfim a doença do corpo enche os adros, & a doença da alma os infernos. As bexigas, os catarros, a tísica, a febre, são as doenças q matao os corpos, & os furtos, as mentiras, as bebedices, & as lascívias, são as doenças que

---

\* Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (2011). Especialista em Ciências da Religião e possui graduação em História Bacharelado (2010) e em História Licenciatura (2005) pela Universidade Federal de Sergipe.

matao as almas. (NANTES, 1896, p. 312)

O capuchinho Bernardo de Nantes evidencia em seu catecismo os tipos de enfermidades dos quais os índios estavam suscetíveis nos sertões da América portuguesa. Ao longo de seu catecismo, no qual busca apresentar os caminhos para a conversão dos Kiriri, reflete aspectos da concepção simbólica atrelada à ideia de que as mazelas que assolam o corpo afligem à matéria da mesma forma que a alma. Diante disso, buscamos entender a compreensão desse ser total, no qual, as práticas cotidianas, os pensamentos e as posturas destoantes dos padrões cristãos seriam a causa dos problemas de saúde.

Durante a segunda metade do século XVII, capuchinhos e jesuítas foram enviados para as proximidades do Rio São Francisco, na região dos limites das Capitânicas de Sergipe, Bahia e Pernambuco. Nesse epicentro, distante da sede administrativa das três capitânicas, esses religiosos iniciaram um trabalho de conversão junto aos índios que habitavam os “caminhos de dentro”. Na documentação administrativa, esses povos originários do Brasil se distinguem pela denominação dada as aldeias. Já na documentação jesuítica referia-se ao nome da aldeia e ao nome atribuído à nação. Um desses grupos, cuja administração do local ficou a cargo dos jesuítas, foi o dos Kiriri, que falava o Kípea, utilizado nas aldeias de Canabrava, Geru, Natuba e Saco dos Morcegos. A cargo dos capuchinhos, havia também um grupo de Kiriri, cujo o dialeto era o Dzubrukuã, falado nas aldeias de Acacapá, Cavalo e Pampu. Duas outras línguas haviam sido utilizadas na região: o Kamuru e o Sapuyá. Contudo, não há registros de um estudo de sistematização dessas línguas.

No intuito de auxiliar a conversão desses povos, para os dois dialetos, Kípea e Dzubrukuã, foram elaborados catecismos. Esses instrumentos de conversão serviam para a administração dos sacramentos, para ensinar a língua aos missionários e a população que o entorno da aldeia. Observa-se também como nesses instrumentos foram registrados hábitos e costumes que distinguem a população indígena. Com isso, este artigo tem como objetivo compreender o discurso de capuchinhos e jesuítas no sertão da América portuguesa, entre 1690 e 1702, sobre as práticas de cura dos Kiriri. O catecismo jesuítico é de autoria de Luigi Vincêncio Mamiani<sup>1</sup> e o capuchinho

---

<sup>1</sup> MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa: Deslandes, 1698.

de Bernardo de Nantes.<sup>2</sup> Esses dois escritos nortearam a elaboração desse artigo, o qual busca analisar nesses catecúmenos as práticas de cura dos Kiriri.

A carne é vista como *inimigo*, por ser um empecilho na busca por humildade e por dificultar o desapego de si, sendo o mais tenaz deles, pois acolhe as seduções do demônio, através das tentações do corpo. Mesmo ao apontar os perigos em virtude da “fraqueza” da carne, deve-se salientar que carne e alma agiam no sujeito de múltiplas formas. A vigilância deveria ser constante para evitar ferir as leis do espírito: “na desesperação da salvação, na presunção de se salvar sem merecimento; em contradizer a verdade conhecida; em inveja das mercês que Deos faz a outrem; na obstinação no pecado e na impenitência” (MAMIANI, 1698, p. 13-14).

A doença, ao longo dos séculos XVII e XVIII, apresentava-se como o calvário, pois, por meio do sofrimento do corpo, o indivíduo se aproximava do divino. E no caso dos catecismos consultados, a lógica de explicação segue a tônica do período, como foi apresentada por Rafael Bluteau em seu dicionário com a tipologia para as “*breves, e dilatadas, e leves, simples, e compostas, agudas e separadas, complicadas, epidêmicas materiais e imateriais*” (BLUTEAUc, 1712, p. 279). Dessa forma, as doenças imateriais derivavam da ação pecaminosa, tinham essas características de uma vida afastada dos ensinamentos de Cristo, sendo esse o caminho para expurgar os erros e se aproximar, por meio das penas e do martírio, do caminho da salvação.

Quando um ferro se quer o ferro se quer o fogo introduzir, com o calor se abre a porta; no coração humano, mais duro que ferro, as vezes com o calor de hua febre ardente penetra o fogo do amor Divino. Hum doente, encravado na cama, e resignado na vontade de Deos, he hum retrato de Christo crucificado; o leito he o seu calvário, a enfermidade a sua cruz, o seu coração he o altar consagrado à penitência, o seu corpo he a vitima, e hóstia sacralizada as disposições da Divina vontade (BLUTEAUc, 1712, p. 279).

Observa-se que na definição do período a doença do corpo seria o “corretivo dos ataques ao Espírito”. É nessa concepção na qual corpo e alma eram compreendidos como elementos indissociáveis. Os reflexos de uma vida fora dos preceitos cristãos seriam materializados nas enfermidades do corpo. E ainda havia uma categoria ainda mais específica, as doenças decorrentes dos feitiços. E nesses caminhos das doenças

---

<sup>2</sup> NANTES, Bernardo de. *Catecismo da Lingua Kariris, acrescentado de várias praticas doutrinaes e Moraes, adaptadas ao gentio e capacidade dos Indios do Brasil*. Edição fac-similar. Leipzig, [1709] 1896.

atribuídas a carne e a alma, o presente artigo busca apresentar como os religiosos descreveram os Kiriri.

1. As doenças da alma: furtos, mentiras e bebidas

Para o jesuíta italiano Luiz Vicêncio Mamiani, o pecado pode ser observado por três categorias, que são divididas por níveis de gravidade. A primeira seria o pecado original, com o qual todos nascem e que devia ser remido através do batismo. É bastante singular a explicação dada por Mamiani para justificar o pecado original e para promover a aproximação do gentio com a prática, que remontaria aos conflitos entre índios e portugueses da região:

M. De que modo fomos máos pelo peccado dos nossos Avós?  
D. Declararei isso com hum exemplo. O principal dos Indios de Natuba cómeteo hú crime antigamente contra os Brancos matando hum Capitão; então todos os Brancos se deraõ por inimigos dos dos Índios da Natuba, e de todos os Kiriris, por serem todos da mesma Nação do principal criminoso, por isso captivárão todos q poderão préder. Assim obrou Deos comnosco: Peccou Adão nosso pay contra Deos e por isso Deos se deu por offendido não sómente de Adão, mas também de todos os seus descentes (MAMIANI, 1698, p. 140-141).

Na interpretação de Mamiani, além da questão bíblica acerca do pecado original, há outro, atrelado a trajetória dos índios, o qual consistia no passado desse povo. A tradição, as práticas e a construção simbólica que definia o povo deveria ser combatida. Pensar esse índio inserido na lógica cristã, parte de um combate ao que os definia como nação.

Em sua explicação, duas estratégias são utilizadas para facilitar a compreensão bíblica. Primeiramente, a noção de descendência, para expor o porque do pecado cometido por Adão perpassar a todos os povos. O autor usa o exemplo local como mecanismo de associação. E nessa narrativa, o autor também evidencia a própria compreensão do índio acerca dos limites da sua nação. Na referida passagem, Mamiani destaca um acontecimento ocorrido na aldeia de Natuba, uma das quatro aldeias jesuíticas na qual viviam os Kiriri, reiterando que esses sujeitos se identificam como povo para além das delimitações espaciais do aldeamento.

O segundo é o pecado mortal, o mais grave contra a lei de Deus e está relacionado com os pecados capitais.<sup>3</sup> Pode ser praticado por um pensamento, uma palavra ou uma obra ruim. Com esse pecado há a morte da alma e o praticante perde a graça de Deus, sendo que seu castigo é o inferno. Esse seria o tipo de pecado responsável pelas enfermidades e deveria ser constantemente combatido.

Por fim, o terceiro é o pecado venial, o mais leve dentre eles. A remissão desse pecado é feita por meio da confissão, “doendo-se verdadeiramente dele, batendo nos peitos, tomando água benta, rezando orações a deos, e ganhando indulgências” (MAMIANI, 1698, p. 146).

Contudo, apesar da categorização do pecado e da responsabilidade individual do sujeito perante suas ações na vida em comunidade, um elemento também necessitava ser levado em consideração: a ação do demônio. Essa força, por vezes silenciosa, era um agente contrário a conversão e precisava também ser combatido. A vigilância era um dos modos mais eficazes de controle da ação do diabo, além claro, do sacrifício da missa, da confissão, da comunhão e do jejum. Ao passo que o índio cedia as tentações do demônio, estava suscetível a enfermidades da alma. Na tentativa de explicar a ação do demônio, o capuchinho Bernardo de Nantes, em seu catecismo, a relaciona com práticas cotidianas dos índios:

Desta sorte faz o diabo para nos enganar, & cativar: a esse fim elle vos deita, & apresenta o anzol, & peçonha do pecado, encuberto com a isca, & gosto do deleite. Os que a modo de peixes, nescios, & golosos, se chegam a elle, o comem, fartão a fome do seu apetite com a isca do diabo, & quando cuidão estar satisfeitos, achao-se presos, & agarrados ao inimigo, que os leva para o inferno, aonde os assa, & coze nas caldeiras infernaes, que sempre servem no gogo; com esta diferença, que o peixe preso logo morre na caldeira que serve, & em hum instante se lhe acabou as dores; mas os miseráveis pecadores nunca morrerão no fogo infernal, que sempre arde, & sofrerão tormentos sempiternos (NANTES, 1896, p. 184).

Para Nantes, o momento no qual o índio cedesse às ações do diabo, o mesmo estaria condenado ao “fogo infernal”. O cuidado e a vigilância deveriam ser constantes, visto que as habilidades do “inimigo” eram superiores a de qualquer humano. A capacidade com que ele mentia e deleitava, eram subterfúgios inebriantes e dos quais era difícil se afastar. Outra questão na passagem de Nantes, faz parte da

---

<sup>3</sup> São sete os pecados capitais, a soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Deviam ser combatidos pelas virtudes contrárias, a humildade, liberdade, castidade, paciência, temperança, caridade e diligência nas coisas de Deus. MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa: Deslandes, 1698, p. 12-13.

alegoria do fogo utilizada para descrever o inferno, como o local do sofrimento eterno e do qual, uma vez estando lá, não é possível escapar.

Se o sofrimento no pós-vida é o inferno, na terra tornava-se o purgatório. Para Nantes, o sofrimento em vida era tido como uma antecipação do purgatório, com o purgar dos pecados em preparação para a vida eterna. Seria uma forma de revelação dos pecados da humanidade, bem como, um caminho que aproximava a mesma do calvário de Cristo.

A ideia de associação do ato de cozinhar um alimento à situação de uma alma no inferno, assim como apresentado por Mamiani, parte de uma aproximação entre a tradução cultura cristã para a realidade o índio. Faz-nos recordar também de Bluteau, que evidenciou em sua alegoria acerca da doença na qual a febre seria o mecanismo de aproximação do fiel com o calvário de Cristo, a oportunidade de retomada do caminho de fé, ao passo que isso não se torna possível em vida, consumira-lo pela eternidade. O fogo que salva, também castiga.

As doenças da alma poderiam ter como causa os furtos, as mentiras e também as bebedeiras. Nos dois catecismos são identificadas passagens nas quais os religiosos descrevem as consequências para o que roubavam, explicadas por meio de descrições do que haviam nas aldeias. O frei Bernardo de Nantes, alertava para a possível relação entre roubos e a não assistência de alguns índios às missas oficiadas aos domingos:

Padre, os ladrões nos furtão às vezes nossas canoas, alguns se queixão também que lhes furtão cavalos, & vacas, levarão também os ladrões canoas, cavalos & vacas às costas? Não hão de ter força para isto, que a carga sera muito pezada: acho-vos muito embaraçados com vossa pergunta: responde-vos primeiro, que se queres saber quem são esses ladrões, que vos molestão, olhai, & observai os que os Domingos, & festas faltão à Missa do dia, & à pregação do Padre, porque sem duvida elles devem tomar este tempo que estais à Missa, para irem fazer esses furtos em vossa ausência (NANTES, 1896, p. 292).

Na sua explicitação, o capuchinho estabelece uma relação entre os que não frequentam a missa e as festas, e como consequência não seguem os preceitos cristãos, com os furtos cometidos nas aldeias. O suspeito é descrito pelo religioso como aquele que já peca, por não cumprir com uma das regras da comunidade de frequentar a missa e guardar os domingos, como alguém propenso ao pecado. Para a aldeia de que nos fala Nantes, que havia sido construída às margens do Rio São Francisco, era fundamental poder contar com canoas, além de cavalos e vacas, uma

realidade bastante distinta daquela das aldeias dos Kiriri, na qual os furtos eram de outra natureza, conforme Mamiani:

D. He pecado, quando se deseja a fazenda alheia para a furtar a seu dono; ou quando se deseja alguma perda da fazenda ao próximo por ódio, ou quando temos inveja ao que possui. Porém não he pecado desejar para si outra fazenda, como aquella, que tem o próximo (MAMIANI, 1698, p. 98).

Em seu texto, Mamiani aponta as ações resultantes da inveja, as quais necessitavam ser combatidas, visto que o desejo acerca da coisa alheia poderia levar a outro pecado, o furto. As ações expressadas pelo jesuíta reiteram desejos atrelados ao mundo no qual o índio convivia. Apesar de coibir as práticas indesejáveis ao cristão, enaltece o desejo do indivíduo em adquirir bens. Além disso explicita a relação entre o pensamento, a palavra ou a alguma obra contra a lei de Deus, como se pode constatar nesta passagem:

Eu furtei hua espiga de milho, ou hua abobora; ou me agastei levemente com o meu camarada; então fiz hum peccado leve contra a ley de Deos. Mas se eu furtei, ou gado, ou cavalo, ou dinheiro de alheyo, então fiz peccado grave contra a ley de Deos (MAMIANI, 1698, p. 145).

Os roubos também podiam ser ações do diabo, pois ele seria o responsável por privar os indivíduos da capacidade de discernimento. Por isso, o cuidado constante era fundamental, como proposto por Bernardo de Nantes:

S. Gregorio Bispo de Niza [pode ser Nice] entrando hum dia na Igreja vio o diabo, o qual em figura de negrinho tinhoso, andava ao redor dos confessionários: disse-lhe o Santo: Que estás cá fazendo, maldito? Respondeu o diabo: Estou agora restituindo a estes penitentes a vergonha do pecado que lhes furtei, quando elles o estavam cometendo (NANTES, 1896, p. 322) .

Nantes abaliza para uma das artimanhas do demônio: a capacidade de controlar o discernimento dos indivíduos e, dessa forma, subjugar-los às suas vontades. Além disso, evidencia que por meio da penitência era possível reaver a vergonha. E, dependendo da condição na qual se encontrava o pecador, nem a confissão podia lhe ser administrada:

Este he o ardil, Fieis, de que se serve o diabo, para impedir, que o remédio da cõfissão nos não valha, tapando-nos a boca, para que não botemos por ella a peçonha do pecado fora: quando o lobo quer matar a ovelha, primeiro pegalhe na garganta, apertando-a para lhe tirar o grito, & o socorro, que por ali lhe poderá vir: isto faz o lobo infernal, quando quer matar hua alma, tiralhe a voz (NANTES, 1896, p. 322).

Tanto para o capuchinho francês, quanto para o jesuíta italiano, os pecados eram causados pelas seduções do demônio e também pela fraqueza e descontrole dos indígenas diante delas (MAMIANI, 1698, p. 13), como ocorria quando furtavam, mentiam e contavam mexericos (NANTES, 1896, p. 290).

Vinde cá ladrões quem vos ajudou a furtar cavalos, & vacas? Padre, ninguém, eu só fiz esse furto, foi o diabo que mo meteo na cabeça; bem está, o diabo vos ajudou a furtar vacas, o diabo no dia do Juizo vos ha de ajudar também a levallas: elle vo las ha de amarrar apertadamente nas costas, & ha de term ão na carga, que vos não caya dos hombros no chão, para vos levar diante de todos com os feixe de vossos pecados ao fogo infernal: *Alligabit ea in fasciculos ad comburendum igni*, & notai que este fogo não vos ha de consumer, mas sempre queimar, porque vos não podereis acabar, nem elle se póde apagar: *In ignem inextinguibilem* (NANTES, 1896, p. 293-294).

É importante ressaltar como os constantes roubos de animais que Bernardo de Nantes nos relata sob uma perspectiva teológica se associam às recorrentes denúncias feitas pelos curraleiros e que culminaram em alguns dos conflitos. No *Catecismo* de Nantes, no entanto, os roubos são percebidos como uma das inúmeras formas ardilosas de agir do diabo, que, segundo ele, era:

O pay da mentira (...), & como tal faz tudo o que póde para nos enganar, & nos induzir ao imitar na sua maldade, a fim de que Deos nos desampare, como o desamparou a elle; & assim desamparados fiquemos perdidos, & condenados. Elle anda a pescaria de nosoutros, como vosoutros ides à pescaria do peixe; quando pescais tendes cuidado com o anzol (...) (NANTES, 1896, p. 182).

Os pecados também estão associados a não observância dos dias santos, como, por exemplo, a participação ou realização de festas ou banquetes no período da Quaresma, em flagrante desacordo com o terceiro mandamento, como observado por Mamiani:

M. Qual he o terceiro mandamento da Ley de Deos?

D. Guardarás os domingos, & as festas.

M. Que havemos de fazer para guardamos este preceito?

D. No Domingo, & dia Santo não se trabalha na roça; não se levanta, não se cobre a casa, nem se cortão paos no mato; não se coze; não se fia; em sim se deixa todo o trabalho. No Domingo & dia Santo o que havemos de fazer he ouvir Missa, rezar & ouvir a pregação do Padre. Tudo isso he melhor do q beberem vinho, & fazerem seus folguedos (MAMIANI, 1698, p. 87-88).

Assim, guardar os dias santos e o domingo seria um dos passos em busca do cumprimento dos preceitos cristãos. Ao explicar o mandamento que orientava os

fiéis a guardarem o domingo e os dias santos, Mamiani elenca algumas das práticas diárias dos índios, como trabalhar na roça, levantar e cobrir a casa, cortar paus no mato, beber vinho, participar de folguedos e fiar (MAMIANI, 1698, p. 87). Além disso, define as práticas diárias que deveriam ser vinculadas ao ato de se benzer, tais como na hora de acordar pela manhã, de sair de casa e de dormir à noite, situações nas quais deveriam adotar a prática cristã e se proteger do mal (MAMIANI, 1698, p. 29). Ainda em relação às práticas diárias e rotineiras da aldeia, Nantes observa:

Mas nos os obrigamos a semear a plantar e ensinamos a preparar asseadamente a sua refeição; a utilidade e o prazer os levam a aplicarem-se eles próprios a essas tarefas; temos por costume, em todas as nossas aldeias, atender às necessidades dos doentes e lhes servimos de médicos e cirurgiões. Há vários índios que já sabem sangrar (NANTES, 1979, p. 18).

Já o capuchinho Bernardo de Nantes, ao descrever os pecados da carne entre os Kiriri,<sup>4</sup> os associa a sua barbárie e à distância do mar, onde se encontrariam os índios “mais humanos”:

A paixão obscureceu a razão desses miseráveis e o sentido de entendimento para a assiduidade do pecado, que eles já não conhecem (pecar), que é muito obscuro. Eu falo daqueles que estão a 200 e 300 léguas adentro no interior do Brasil, tais como são aqueles, pois os índios que estão mais próximos do mar são mais humanos, devido à contato que têm com os brancos que habitam o litoral. (NANTES, 2003, p. 240).

O local no qual eles viviam aparece na descrição de Nantes como determinante para a propensão desses índios ao pecado. A ocupação desses espaços um século após a colonização do litoral, evidencia essa região de fronteira como o local em que faltava o controle, e por isso para o capuchinho, seria passível da adjetivação da obscuridade. Além disso, o caráter humano estaria atrelado a aproximação dos índios aos costumes, a lógica de ocupação e ao que os brancos definiam como características da civilidade para os sujeitos. Ainda em suas observações o padre descreve os índios:

Eles são de cor amarelada puxando para o vermelho, é por isso que os brancos chamam eles de vermelhos. Eles são de uma estatura insignificante, na maior parte das vezes; alguns tendo também uma estatura alta e feroz exatamente como os mais selvagens que não têm outra preocupação a não ser aquela de procurar o que comer. Cortam os pêlos do corpo, inclusive os supercílios e pálpebras, tanto homens

---

<sup>4</sup> Existe um problema acerca da denominação do outro, realizada pelas ordens religiosas no processo de conversão dos povos indígenas na América. Bernardo de Nantes utiliza o termo Kariri para designar o povo que vivia ao norte do Rio São Francisco. Todavia, possivelmente, se tratava do mesmo povo, como o próprio autor afirma em sua obra.

quanto as mulheres, mas somente os homens cortam o cabelo do alto da cabeça, deixando um círculo de cabelo que não vai mais abaixo das orelhas.

Eles pintam o círculo de urucum e de diversas outras pinturas, principalmente quando vão à guerra, e os mais disformes passam por mais valentes e mais terríveis, e vendo essas deformidades bárbaras colocam mais terror nos seus inimigos. Alguns usam uma tornozeleira de penas de aves em forma de chapéu, outros fazem uma frisa à maneira de calção curto. Há uns que se lambuzam com mel grosso e cobrem o corpo então com pequenas penas de pássaros de várias cores, o que os faz parecer com estátuas de madeira (NANTES, 2003, p. 240).

Em seu registro Nantes, desempenhando o papel de homem memória (HARTOG, 2004, p. 23) ao olhar para o outro, enxergar o que o difere desses índios. O religioso estabelece, ao elencar as características físicas, uma aproximação entre as práticas adotadas por homens e mulheres no cotidiano da aldeia. Além disso, salienta as diferenças, ao destacar que as particularidades são perceptíveis ao relacioná-las com o papel desempenhando pelos sujeitos na comunidade.

Apesar da descrição do capuchinho acerca da valentia dos índios guerreiro, eles temiam o poder de destruição das palavras proferidas pelos feiticeiros e recorriam a mecanismos de proteção.

**espalhavam cinza nas encruzilhadas dos caminhos** para que saindo da barraca não fossem para o mato mais próximo, e os que se enganavam no caminho não pudessem tornar aos seus. **Fugiam da doença e da morte à maneira de animais silvestres. No tempo da varíola, que para eles é peste, retiravam-se para o mato mais longínquo**, observando com cuidado o caminho, não seguindo vereda direta, mas em espiral e apagando na terra os vestígios da passagem, para que a morte não visse o caminho batido, nem a febre os fosse descobrir nos seus esconderijos.<sup>5</sup>

Também Mamiani nos apresenta alguns os procedimentos que os Kiriri adotavam para afastar as doenças e a morte:

Curar doentes com assopro: Curar de palavra, ou com cantigas, **Pintar o doente de genipapo**, para q não seja conhecido do diabo, & o não mate: **Espalhar cinza á roda da casa aonde esta hum defunto, para que o diabo dahí não passe a matar outros: Botar cinza no caminho, quando se leva hum doente, para que o diabo não vá atrás dele:** Esfregar hua creança com porco do mato & lava-la com Alóa, para que, quando for grande, seja bom caçador, & bom bebedor: Não sahir de casa de madrugada, nem à noite, para não se topar com a bexiga no caminho: **Fazer vinho, derramalo no chão, & varrer o adro da casa para correr com as bexigas.** (MAMIANI, 1698, p. 84)

---

<sup>5</sup> Carta do P. Manuel Correia, da Baía, 1 de junho de 1683, Bras. 9f. 382-382v. (grifos nossos)

Tanto na carta de Manuel Correia, quanto no catecismo de Mamiani, as cinzas tinham um papel de proteção, elas seriam capazes de esconder os rastros do indivíduo. É um recurso adotado pelos índios com o intuito de evitar que fossem acometidos por doenças, sendo elemento importante no combate a morte e ao diabo. Não fica claro nas descrições de que eram feitas essas cinzas, qual material havia sido reduzido para compor essa matéria. Contudo, Bluteau (1712, p. 319) indica a possibilidade das cinzas decorrentes da combustão dos restos de uma pessoa morta. Caso seja essa a prática, podemos observá-la pela busca da força vital dos ancestrais para combater o inimigo.

## 2. Os pecados da carne e a cura pela palavra

Além dos constantes roubos praticados pelos índios havia outra preocupação recorrente: o apego às superstições, tais como o mau olhado, o agouro de animais - *ubukerí adjé* - e as práticas de cura, todas elas associadas aos “feiticeiros” ou “adivinhadores”, os *bidzamú buré*. O próprio termo adotado por Mamiani para se referir a eles nos dá uma ideia de como o jesuíta os percebia: *buré*, em Kipeiá, significa “mau”. Assim, ele estava se referindo a um “feiticeiro mau”, que “colocava feitiço nos outros” e que “curava os doentes de palavra”.

M. De que cousa mais havemonos de guardar

D. De todas as abusoes dos Feiticeiros; de adivinhar as cousas futuras; de dar credito a agouros; de botar feitiço para matar o próximo, de dar crédito a sonhos; e de todas as festas supersticiosas (MAMIANI, 1898, p. 85).

Segundo o frei Martinho de Nantes, os Kiriri acreditavam que as enfermidades eram causadas por feitiços lançados por inimigos ou desafetos e que para combater as doenças era preciso recorrer a contra-feitiçaria. Todavia, nos casos em que o doente não se recuperava:

Atribuía a culpa a alguém que o houvesse enfeitizado e que estava impedindo o efeito do remédio, e designavam o culpado, como se tivessem certeza, e logo os parentes do doente, sem qualquer outra prova que a acusação, iam matar o acusado, sem que ninguém comumente se opusesse, com o receio de serem também acusados; de sorte que, se acontecia que morresse alguém muito estimado e que houvesse chamado esses impostores para curá-lo, era raro que não ocorressem outras mortes, antes ou depois de seu falecimento, o mais das vezes antes, com o desejo de contribuírem para a sua cura, pois não acreditavam que estava morrendo naturalmente, mas por força do enfeitizamento, mesmo quando morria de doença, exceto quando

vítima de extrema velhice. (...) Assim ninguém estava seguro de sua vida, podendo ser acusado de enfeitiçador por algum de seus inimigos. E cuidavam de agir depressa, ao matar ou queimar os que eram acusados de enfeitiçadores, para que não fossem suspeitos de serem eles próprios os responsáveis; deixando morrer e matando algumas vezes seus próprios parentes (NANTES, 1679, p. 5).

A dúvida era uma semente do demônio, um contraponto à fé. Ao atribuir a saúde ou a doença à interferência da ação de terceiros, os índios se distanciavam dos preceitos cristãos, já que o caminho que deveria ser seguido “pelos filhos de Deos” era apenas um, e passava por “crer, esperar e amar a Deus” (MAMIANI, 1698, p. 157).

Independentemente de sua gravidade, para a cura destas doenças, as do corpo e as da alma, os indígenas procuravam os feiticeiros, como se pode constatar no registro que transcrevemos abaixo e no qual se destacavam as associações feitas entre feiticeiros e doentes e certos animais, evidenciando ainda mais o processo de diabolização dessas práticas curativas, segundo os religiosos:

(...) o feiticeiro principal (Archimaleficus) [que] começa logo a ladrar feito cachorro, logo, terminado este, os outros respondem latindo da mesma maneira, enquanto o doente se arrasta no chão feito cobra, rodeando muitas vezes em volta dos feiticeiros, enchendo os solo de lágrimas e o céu de clamores, sem que ele aproveite de cura daqueles medicos, e ficando doente como antes.<sup>6</sup>

No *Catecismo* de Nantes, assim como no de Mamiani, encontramos o registro no qual os indígenas pintavam-se de jenipapo ou urucu, cantavam o *Sopunhiu* (“he cantar dissoluto, & bárbaro quando banqueteador”) ou *Waiwca* (“que he canto supersticioso”), convocavam os feiticeiros para “assoprar e bufar sobre os parentes doentes”, faziam adivinhações e jogavam cinza em volta da cama dos doentes para afugentar o diabo (NANTES, 1896, p. 129). Para o capuchinho, os índios eram ludibriados pelos “feiticeiros” que serviam ao demônio, faziam cobranças por suas curas e por isso não eram confiáveis, razão pela qual deveriam ser combatidos:

E que vos parece destes feiticeiros enganadores, que andão às escondidas do Padre pela casas, curando enfermos com os seus assopros sobre o doente, & outras diabólicas mezinhas? Elles também hão de aparecer às claras com roupa, & vestidos que tirão dos pobres doentes por paga da cura, enganando-os, & às vezes violentando os, dizendo lhes, que se não lhes derem o seu machado, cavador ou facão, infalivelmente morrerão. Esses feiticeiros com toda essa fazenda nas mãos hão de aparecer no Juizo; & esses crucis matadores dos seus próprios parentes escaparão por ventura? Bem mal, sahirão elles com os corpos dos que matarão às costas, sem poderem desencarregar-se

---

<sup>6</sup> *Sexennium Litterarum de 1657*. ARSI, Bras. 9, f. 17v.

delles (NANTES, 1896, p. 294).

Abandonar os prazeres da carne implicava se afastar das “más influências” exercidas pelos “torpes” e “desonestos”, que desviavam os demais do caminho da salvação. Recomendava aos indígenas que “fecha[ssem] os ouvidos” para as palavras ruins e às “cantigas deshonestas”, difundidas e praticadas pelos “superciosos pagãos” (NANTES, 1896, p. 294).

Para Peña Montenegro, jesuíta espanhol que escreveu o “itinerário do padres”, os índios eram mais suscetíveis à ação do demônio por que não possuíam “maligna astúcia”, eram “incipientes”, “brutos” e “não sabiam refletir”, vivendo sob a diligência do demônio. Por isso, o combate à idolatria consistia num combate ao próprio corpo do índio (PEÑA MONTENEGRO, 1678, p. 267). Esse era um ponto importante para os “labradores da Nueva Christiandad”, que deveriam extirpar das aldeias os inimigos da idolatria, as superstições e demais vícios, por meio da palavra do Evangelho (PEÑA MONTENEGRO, 1678, p.10):

Eles são, com efeito, extremamente rudes e muito apegados às suas superstições, para não dizer idolatrias. Com efeito, têm uma multidão de deusinhos (deunculi), ou melhor, espíritos tutelares, que chama de pais (patres) que presidem, com dizem, um às selvas, um às águas, um às colheitas, um às feras, e os invocam para qualquer necessidade.<sup>7</sup>

Também o jesuíta Jacques Cockle registrou as práticas que considerou supersticiosas na aldeia de Canabrava, dentre as quais estava o *falsi cultus*, tido como “pecado mortal gravíssimo, y culto falso, y detestable” (PEÑA MONTENEGRO, 1678, p. 266), que ocorriam quando usavam de “falsos milagres”, da adoração de “reliquias falsas” e “falsos deuses”:

Há entre os índios (...) outras coisas bastante difíceis, tendo sido no começo toleradas do que corrigidas, por causa da enfermidade deles, agora nos trazem um problema maior. (...) Mais do que os outros índios, eu vejo os mais supersticiosos. Além de Deus único, que fica no ar, a quem chamam Meneruru, veneram muitos santos, que chamam Nhisos; assim falou comigo um dos mais velhos: por Meneruru, foi criado (*factus este*) Cemacuré, cuja mulher de nome Eba, tocada pelo marido apenas com uma varinha, teve, virgem um filho: Crumnimni, pai de todos os brancos. Chamam um outro filho de deus Ken BaBaré e outro Varikidzan, que festejam (*facere solemnem*) todo ano, ou cada seis meses com um rito ou jogos de oito dias, cobertos em vários modos, ou com o corpo nu pintado.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Carta do P. Jacob Roland ao P. Geral Oliva, Sertão de S. Ignatio (Jacobina), 7 de fevereiro de 1669. ARSI, Bras. 3 (2), f. 72.

<sup>8</sup> Carta do P. Jacques Cockle, Carta ao P. Geral Oliva, 20 de setembro de 1673. ARSI, Bras 26, f. 32.

Os índios, segundo ele, deveriam privar da companhia somente de honestos homens de Deus (NANTES, 1896, p. 113), e todos os que praticassem os ensinamentos não adoeceriam ou seriam curados pelo misterioso poder de Deus e Divina Misericórdia. Assim, cabia aos missionários ensinar os índios como os prazeres da carne não proporcionavam a felicidade e como a saúde plena, perpétua e inalterável só seria experimentada após a morte:

Cá morremos, lá não ha morte, nem temor della; cá há velhice, & caducidade, lá não ha de haver velho, nem velha, todos estaremos em dia de florente: cá os divertimentos do dia acabão com a noite, que lhe succede, lá durará o fermoso dia por toda a eternidade bemaventurada sem noite; cá o frio do Inverno nos enregela, & o calor no Estio nos queima, lá a temperada constituição de huma florida Primavera nos recreará para sempre, cá a obrigação do trabalho, & aspereza dos caminhos nos molesta com o temor das cobras & dos Tapuyas bravos; lá passearemos sem medo, & cansaço pelos apraziveis jardins do Paraíso de Deos (NANTES, 1896, p. 270-272).

Aos que descumpriam os princípios cristãos, como os feiticeiros e as mulheres desonestas, estavam reservadas as punições no dia do Juízo Final, momento no qual seriam expostos e, segundo frei Bernardo de Nantes, queimariam no fogo, com o arrependimento de seus pecados:

(...) não soube elle respeitar, nem temer a Deos, nem guardar os seus mandamentos; esta feya marca, que tem na testa, mostra q debaixo de galas cheirosas, trazia sua alma podre de peccados, & torpezas: olhai para estoutro, antigamente parecia bom Catholico, & no cabo era hum hypocrita, assim o mostra o final que leva, porque na Igreja se fazia entre os outros devotos, & depois hia fazer suas superstições com os pagãos no mato. Olhai para estotra, antigamente era respeitada por sua fermosura, & agora está feita abominável adultera de Satanàs por suas deshonestidades, leva na testa a marca dellas (NANTES, 1896, p. 290).

Frei Bernardo de Nantes não apenas registrou as práticas curativas, como as desacreditou, porque eram executadas por feiticeiros. Seu maior estranhamento está no fato de que dependiam inteiramente deles, não buscando outro remédio ou tratamento para suas enfermidades:

Quando estão doentes, eles não procuram nenhum remédio, a não ser a ajuda do feiticeiro e deixam a doença agir à vontade. Vi outro que estava com ferida nos pés; outros cortaram a mão deixando a carne apodrecer. E para gangrenar a chaga, levam-na ao ar sem cobri-la, de maneira que seja os parentes dos doentes, não fazem outra coisa senão observá-lo, é o que eles mostram demais na língua deles, pois eles dizem “pide idce dadinne han y”, que significa: “eu estou aqui para observá-lo”. Para comer, não dão ao doente nada de particular, deixando-o frequentemente exposto à fome como os (...); e se eles

conseguem algum peixe ou caça, cozinham à maneira deles, sem sal nem outra coisa a não ser a água, e estando meio cozida ou ligeiramente assada, já acham conforme o gosto; a repartem sem distinção com o doente. A mãe do acamado serve no chão todas as porções colocando em pequenos pratos de madeira, e a filha distribui em porções a cada um deles, até os menores, comendo todos no chão separadamente uns dos outros. Se o doente não come, guardam a porção para ele algumas vezes, sem perguntar a ele se ele está com vontade de comer outra coisa, mas eles acham bom assim; ainda que todas as porções sejam feitas e dadas à vista de todos, não se ouve nunca murmúrio nenhum entre eles, ninguém se queixa de ter menos que os outros, mas comem em grande silêncio (NANTES, 2003, p. 213).

Neste relato, três pontos nos chamam a atenção: a ausência de lamentos (não se ouve murmúrios), a aceitação da enfermidade (que age à vontade) pelos familiares e a alimentação que o doente recebe (sem qualquer distinção com o acamado). Como se pode constatar, os enfermos, que, neste registro apresentavam feridas e cortes, que podiam ter relação com a participação em guerras ou com atividades rotineiras, como a caça, continuavam em contato com os outros da casa, não se refugiando no mato como aqueles que contraíam doenças definidas como *peste*.

Outra questão que mereceu a atenção de Mamiani, e que tem relação com a “carne”, refere-se aos impedimentos de consanguinidade, razão pela qual o jesuíta ressaltava a necessidade de serem observadas as normativas papais, que deveriam ser conhecidas e assimiladas pelos indígenas. Este deve ter sido o motivo para que o jesuíta incluísse no *Catecismo*, um catálogo dos sistemas de parentesco Kiriri, que funcionava como um dicionário dos termos que se referiam às composições familiares.<sup>9</sup> Este catálogo visava melhor orientar os padres no cumprimento das regras, para, assim, evitar a ocorrência de erros que, possivelmente, poderiam levar à excomunhão:

Advirto que aqui não se declara o impedimento de consanguinidade, senão até o segundo grão inclusive, porque Paulo III, por uma Bulla tira aos Indios os impedimentos do terceiro, & quarto grão assim de consanguinidade, como de afinidade; nem ha mister dispensação para elles nesses dous grãos, porque como diz o Bispo Montenegro no seu Itinerario de Parocos dos Indios essa concessão não he meramente privilegio e não ley municipal Ecclesiastica (MAMIANI, 1698, p. 198-199).

Há, ainda, outro aspecto que merece nossa atenção e diz respeito à provável

---

<sup>9</sup> Esse catálogo serviu de base para que Aryon Dall’Igna Rodrigues escrevesse o artigo intitulado “Notas sobre o sistema de parentesco dos índios Kiriri”: “Quanto ao sistema de parentesco dos Kiriri, procuramos deduzi-lo do catálogo que nos deixou o Pe. Mamiani e que ocorre às págs. 209-213 do seu “Catecismo”” In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Notas sobre o sistema de parentesco dos índios Kiriri. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Vol. 4, n. 2, Dezembro de 2012, p. 239.

incorporação de práticas africanas pelos indígenas, o que, com certeza, pode encontrar sua explicação na proximidade existente entre algumas aldeias e as fazendas de gado. O capuchinho Bernardo de Nantes associa certos movimentos das danças indígenas às praticadas pelos negros, revelando conhecimento e contato com as populações africanas escravizadas:

**Eles gostam de dançar entre os banquetes à maneira dos negros, estilo que adquiriram há pouco tempo, e lhes agrada mais que a antiga maneira que era bárbara, como eu a vi praticada pelos índios kracuí, meus vizinhos.** Eles dançam 60 ou 70, separados igualmente uns dos outros aproximadamente a um braço de distância, todos em diversos círculos diferentes em distância do local da dança onde estava um velho índio que ditava a marcha, tocando um instrumento musical feito de um certo osso, antes de começar, ele fazia com que os outros tomassem cada um uma posição diferente: para um, um braço para cima, outro com o braço para baixo, outro com o pé para o ar, e ainda outro no chão, aquele ali fica inclinado para um lado, aquele outro tomando suas diferentes posições, **ele fazia o sinal dando início à dança, coisa que eles seguiam todos saltando e orando, cada qual guardando sempre sua primeira posição** (NANTES, 2003, p. 26).

Nos *Catecismos* que analisamos foi possível também identificar as práticas alimentares e as formas empregadas pelas comunidades indígenas para garantir sua subsistência. No caso do capuchinho Bernardo de Nantes, chamou-lhe a atenção a atividade da pesca:

(...) como nosoutros ides à pescaria de peixe; quando pescais tendes grande cuidado de cobrir o anzol com a isca que serve para encobrir o ferro, & mais para atrair, & enganar o peixe; o qual iscado pelo comer que vé, sem descobrir o anzol, chega se a elle, engoleo, & quando cuida estar farto, acha se asserrado, preso, & destinado a ser assado, ou cozido em caldeira de agoa fervente, apra vosso guizado (NANTES, 1896, p. 183-184).

Poucas são, no entanto, as passagens que trazem informações sobre o universo feminino. Em apenas uma passagem do *Catecismo* do frei Bernardo de Nantes encontramos uma menção – de condenação – às práticas abortivas, inserida em uma das perguntas feitas durante a confissão, momento no qual o capuchinho questiona se a índia bebeu algo ou apertou a barriga durante a gravidez (NANTES, 1896, p. 14).

A atuação missionária juntos aos indígenas era apenas uma das atividades desempenhadas pelos jesuítas na região dos “*sertões de dentro*”. Apesar das dificuldades encontradas na execução da missionação, eles referem constantemente as *boas obras*, aquelas que evidenciavam como os objetivos da missão estavam sendo alcançados e os vínculos entre os religiosos e os índios estavam se fortalecendo. Vale

lembrar como eles atendiam também aos colonos que viviam nos sertões afastados das sedes administrativas do governo português e que recorriam a eles para o atendimento espiritual, já que, muitas vezes, as igrejas mais próximas deles eram justamente as que se localizavam dentro dos aldeamentos indígenas.

Como se pode observar por meio de situações que têm relação com a “*carne*”, esse *inimigo da alma*, Mamiani expõe todas as possíveis “más obras”, contrárias às leis de Deus e da Igreja. As leis dos homens, segundo o jesuíta, também deveriam ser cumpridas e os governantes deveriam ser tratados com respeito e submissão porque eles estão no lugar de Deus:

M. Peccão logo também os que governaõ, quando mandaõ enforcar, ou cortar a cabeça, ou por na cadea aos malfeitores?

D. Não peccão; porque os Governadores estão em lugar de Deos, o qual comunicou-lhes o poder para castigar os malfeitores. Assim também os pays, & mãys podem castigar seus filhos, & he bem açotalos para largarem os ruins costumes (MAMIANI, 1698, p. 93).

O pecado, em suas várias manifestações, era o que mais desagradava a Deus, porque era uma má obra contra as *Suas* leis e aos mandamentos da Igreja (MAMIANI, 1698, p. 138).

### Considerações finais

O adro, no século XVII, aparece associado ao cemitério. Isso porque, nesse período os enterramentos ainda não eram realizados dentro das Igrejas, como apresenta Bluteau (1712, p.136), por “respeito ao Corpo e ao Sangue de Jesus Cristo”. Dessa forma, as sepulturas eram abertas na porta de entrada dos templos católicos.

E assim, nos catecismos a Igreja controla o fim. No pátio da frente, adro, são expostos os corpos. A putrefação da matéria é o caminho pelo qual o fiel deve passar para adentrar ao espaço sagrado. E nesse caminho em busca da remissão dos pecados, deve lembrar dos que foram e buscar sua salvação. Caso contrário, o seu destino será seu corpo também ocupar um espaço na entrada, mas sua alma ser enviada ao inferno.

### Referências

BLUTEAU, Raphael. (a) **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** vol. 1 Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

BLUTEAU, Raphael. (b) **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** vol. 2 Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

BLUTEAU, Raphael. (c) **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** vol. 3 Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII. **Topoi**, Rio de Janeiro. v. 06, n. 10, 2005, p. 71-98.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses**: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MAMIANI, Luiz Vincêncio. **Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri**. Lisboa: Deslandes, 1698.

NANTES, Bernardo de. **Catecismo da Lingua Kariris, acrescentado de várias praticas doutrinaes e Moraes, adaptadas ao gentio e capacidade dos Indios do Brasil**. Edição fac-similar. Leipzig, [1709] 1896.

\_\_\_\_\_. Relation de la Mission des Indiens Kariris di Brezil situés sur le Grand Fleuve de S. François du costé du Sud a 7 degrés de la ligne equinotiale. Le 12 septembre 1702, pour F. Bernard de Nantes, capucin predicateur missionnaire appliqué. Apud POMPA, Cristina. Cartas do Sertão. Catequese entre os Kariri no século XVII. In: **Revista Antropológicas**, ano 7, vol 14 (1 e 2), 2003.

NANTES, Martinho. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**. Brasiliana. Volume 368. Tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, [1706] 1979.

PEÑA MONTENEGRO, Alonso de la. **Itinerario para Párrocos de Indios**. 2a. edição. En Leon de Francia: A costa de Joan-Ant. Huguenta y Compañia, 1678.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**. São Paulo: Edusc, 2003

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Notas sobre o sistema de parentesco dos índios Kiriri. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Vol. 4, n. 2, Dezembro de 2012, p. 239.

*Recebido em Maio de 2017*

*Aprovado em Junho de 2017*